

**Organizadores**

Rony Márcio Cardoso Ferreira  
Michele Eduarda Brasil de Sá

# **ESCRITORES E TRADUTORES NA LITERATURA BRASILEIRA:**

**PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**



**Organizadores**

Rony Márcio Cardoso Ferreira

Michele Eduarda Brasil de Sá

**ESCRITORES  
E TRADUTORES  
NA LITERATURA  
BRASILEIRA:**

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo Conselho Editorial  
RESOLUÇÃO N° 43-COED/AGECOM/UFMS,  
DE 08 DE JUNHO DE 2021.

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Ana Rita Coimbra Mota-Castro

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Alessandra Regina Borgo

Antonio Conceição Paranhos Filho

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Cristiano Costa Argemon Vieira

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elisângela de Souza Loureiro

Elizabete Aparecida Marques

Geraldo Alves Damasceno Junior

Marcelo Fernandes Pereira

Maria Lígia Rodrigues Macedo

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Vladimir Oliveira da Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

---

Escritores e tradutores na literatura brasileira [recurso eletrônico] : perspectivas contemporâneas /  
organizadores Rony Márcio Cardoso Ferreira, Michele Eduarda Brasil de Sá – Campo Grande,  
MS : Ed. UFMS, 2021.

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>  
Inclui bibliografias.  
ISBN 978-65-86943-57-3

1. Tradução e interpretação. 2. Escritores brasileiros. 3. Tradutores. 4. Literatura brasileira. I.  
Ferreira, Rony Márcio Cardoso. II. Sá, Michele Eduarda Brasil de.

CDD (23) 418.02

---

Bibliotecária responsável: Jakeline de Souza Costa – CRB 1/3090

## **Organizadores**

Rony Márcio Cardoso Ferreira  
Michele Eduarda Brasil de Sá

# **ESCRITORES E TRADUTORES NA LITERATURA BRASILEIRA: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**

CAMPO GRANDE - MS  
2021



© dos autores:

Andrei dos Santos Cunha  
Bruno Costa Zitto  
Bruno Palavro  
Débora da Silva Pitaluga  
Dennys Silva-Reis  
Germana Henriques Pereira  
Karina de Castilhos Lucena  
Leonardo Antunes  
Michele Eduarda Brasil de Sá  
Myllena Ribeiro Lacerda  
Rafael Brunhara  
Rony Márcio Cardoso Ferreira

1ª edição: 2021

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica  
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão

A revisão linguística e ortográfica  
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos  
para esta edição



**Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS**

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS, 79070-900  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: [sedit.agecom@ufms.br](mailto:sedit.agecom@ufms.br)

Editora associada à



ISBN: 978-65-86943-57-3  
Versão digital: junho de 2021

## CAPÍTULO 7

### **O TRADUTOR BENEMÉRITO: A POESIA GREGA DE PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS**

Rafael Brunhara

Este capítulo busca traçar um panorama da (única) incursão do poeta paulista Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992) na tradução de poesia grega. Célebre por seu trabalho como tradutor – mais até do que como poeta – Péricles Eugênio dedicou-se a verter ao português os clássicos da literatura mundial, sobretudo os anglófonos, espanhóis e franceses. Teve algumas breves passagens pela literatura greco-latina, com uma tradução das *Bucólicas* de Virgílio e com o volume *Poesia Grega e Latina*, que reúne poetas diversos num arco que perfaz aproximadamente toda a chamada Antiguidade Clássica.

É essa obra o objeto de nossa breve exposição, dando continuidade ao trabalho que iniciamos alhures de inventariar a poesia lírica grega traduzida no Brasil (2018). Lembramos, assim, as palavras de Adriane da Silva Duarte (2016) e buscamos oferecer uma contribuição para a ainda incipiente história da tradução dos clássicos<sup>47</sup> no Brasil:

O mito do “país do futuro”, em que tudo ainda está por ser feito, vem nos impedindo de nos debruçarmos sobre o passado, sobre nossas realizações, ainda que modestas. Cada nova geração se concentra na tarefa de encher o tonel das Danaides, relegando ao esquecimento até mesmo o que a anterior fizera. Então, sabemos muito pouco acerca dos nossos tradutores (DUARTE, 2016, p. 44).

---

<sup>47</sup> Entenda-se “Clássicos” aqui em sentido estrito, conforme a designação acadêmica do campo de estudos que se volta para o mundo grego antigo e latino.

Não é o caso, contudo, de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Pertencente ao grupo que se autodenominou “Geração de 45” e se definiu pela contraposição à geração modernista de 22 por meio da retomada de uma dicção mais solene, de formas métricas tradicionais e maior disciplina formal (BOSI, 2017, p.497), Péricles ocupa um lugar de importância na história da literatura brasileira. À altura da publicação de *Poesia Grega e Latina*, em 1964, o poeta já havia trazido à luz três títulos autorais: *Lamentação floral* (1946), *Sol sem tempo* (1953) e *Lua de ontem* (1960), o que faz dele paradigma do autor que investigamos nesse livro: um escritor-tradutor, e um bem significativo, uma vez que sua carreira como tradutor seguiu em paralelo à sua produção autoral, tendo-a iniciado em 1950, com a publicação dos *Sonetos de Shakespeare*. Assim, neste texto, busco arrolar, sobretudo, os poetas gregos traduzidos por ele, buscando verificar como a sua obra autoral e sua concepção de poesia se refletem nos expedientes e os critérios de tradução de *Poesia Grega e Latina*.

## **1. Antecedentes de uma obra inaugural e os critérios tradutórios de Péricles Eugênio da Silva Ramos**

Publicada em 1964 pela Editora Cultrix, *Poesia Grega e Latina* é o primeiro trabalho a traduzir em larga medida a dita poesia “lírica” da Antiguidade. A única experiência pregressa dedicada inteiramente a essa poesia fora em 1941, com *Os Elegíacos Gregos – de Calino a Crates, vol.1*. De autoria dos então professores da Universidade de São Paulo Aluísio Coimbra de Faria e Vittorio de Falco, este trabalho era ainda mais específico em seu escopo.

O que chamamos modernamente lírica é a conjugação do que para os antigos gregos consistia em três gêneros distintos: “mélica” – “canção” ou “lírica propriamente dita” – poesia entoada ao acompanhamento mu-

sical da lira; jambo, poesia de invectiva e agressão verbal; e elegia, poesia composta em dísticos e que era originalmente acompanhada pelo aulo, uma espécie de flauta dupla. A obra de 1941 reunia exclusivamente poemas elegíacos e, apesar de verter os poemas em decassílabos, tinha uma clara intenção acadêmica em virtude do nascente curso de língua e literatura gregas na Universidade de São Paulo: era uma edição crítica, acompanhada de comentários filológicos, breves estudos e recomendações bibliográficas para cada poeta. Oposto era o espírito do trabalho de Péricles Eugênio da Silva Ramos, como ele anota na “advertência” de *Poesia Grega e Latina*:

Assinale-se, afinal, que nosso trabalho não pretende, de forma alguma, relevar erudição; pretende apenas transmitir ao leitor de nossos dias, de modo acessível e em linguagem fiel, embora a mais simples e viva possível, alguns retalhos daquela grande alma antiga que nutriu por tantos séculos o pensamento ocidental – e ainda o nutre, em suas bases mais legítimas (RAMOS, 1964, p. 8).

Com brevidade, Ramos sublinha, nas linhas desse introito, os critérios que norteiam o seu trabalho: uma transmissão acessível, que tenta respeitar o idioma de partida e reproduzir, em vernáculo, o estilo de cada poeta (é o que entendemos por ora com “linguagem fiel”), no entanto sem enveredar-se por minúcias acadêmicas, mantendo esta linguagem “o mais simples e viva possível”. É clara a intenção benemérita do poeta-tradutor em fazer uma primeira apresentação desta poesia para “o leitor de nossos dias”, fazendo de sua obra um primeiro contato com a poesia da Antiguidade. Esta orientação o teria levado a escolher, dentre os mais dificultosos e muitas vezes fragmentados poemas dos líricos gregos, apenas aqueles que mais se aproximassem dos ideais vigentes de poesia e gosto: “É óbvio que a seleção ora apresentada traz apenas os excertos que nos pareceram mais eloquentes para a sensibilidade atual. Assim, a antologia não pretende ser mais do que realmente é, uma pequena amostra” (RAMOS, 1964, p. 7).



Esse critério que antes objetivava divulgar a poesia grega pode ter uma explicação na própria lógica do mercado editorial: lembra-nos Duarte (2016b, p.25, n.24) que embora as editoras mantenham os clássicos em seu catálogo, não lhes interessa manter quaisquer clássicos: se sobejam traduções da épica e do teatro grego, os outros gêneros, como a lírica, “têm tiragem menor ou não são republicados via de regra”. Já era esse um fato na época da publicação de *Poesia Grega e Latina*: é essa a primeira tradução da lírica grega, quando o mercado editorial já contava com duas traduções poéticas das grandes epopeias homéricas, a de Odorico Mendes<sup>48</sup> e a de Carlos Alberto Nunes<sup>49</sup>, bem como algumas traduções de tragédias gregas<sup>50</sup>.

Nesse sentido, *Poesia Grega e Latina* distingue-se de outros trabalhos de tradução de Ramos por seu caráter de divulgação e apresentação, o que o eximira de delinear ali um projeto tradutório específico. É possível, contudo, vislumbrar seu método a partir do cotejo com outras de suas traduções. Para tanto, e seguindo com a literatura clássica, abordemos seu único outro trabalho neste campo, a tradução das *Bucólicas* de Virgílio (1982).

Nessa obra, diversamente, Ramos procura desenvolver um método uniforme para verter os versos do vate mantuano, explicitando-o

---

<sup>48</sup> Ambas publicadas postumamente: a *Iliada* em 1874, e a *Odisseia*, em 1928. Ver Chanoca (2017).

<sup>49</sup> Segundo Chanoca (2017), data de 1943 a tradução da *Iliada* por Carlos Alberto Nunes. A tradução da *Odisseia* é de 1941, ambas publicadas pela Atena Editora.

<sup>50</sup> Desde o século XIX já circulavam traduções do Prometeu de Ésquilo (ver CAMPOS, 1997). *Teatro Grego* (São Paulo: Clássicos Jackson, 1950) reunia a tradução de 6 peças: *O Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo; o *Rei Édipo* e a *Antígona*; de Sófocles; e *Alceste*, *Electra* e *Hipólito*, de Eurípides, em traduções de J.B.Mello e Souza. A Editora Civilização Brasileira publicara traduções de *Electra*, de Sófocles em 1958, e o *Agamêmnon*, de Ésquilo, em 1964, ambas em tradução de Mário da Gama Kury.

em nota introdutória à edição: verter os originais hexâmetros datílicos latinos em versos vernáculos de 14 sílabas, buscando como critérios a isostiquia (“Cumpro ressaltar, no remate, que a tradução tem o mesmo número de versos do original latino”, RAMOS, 1982, p.11) e uma atenção tanto à sonoridade e ao ritmo como também ao sentido, com a escolha de um verso que seja capaz de acomodar, com mínimas perdas, os termos do texto de partida. Para cumprir esta exigência, o tradutor lembra a lição de Paul Valéry, também tradutor das *Bucólicas*:

Observou Valéry, com efeito, que “um verso é ao mesmo tempo uma seqüência de sílabas e uma combinação de palavras; e como essa combinação deve compor-se num sentido provável, assim a seqüência de sílabas deve compor-se numa sorte de figura para o ouvido”, dupla exigência, a do som e a do sentido, que só o verso pode satisfazer. Foi disso que procurei me aproximar, mas sem ficar com o alexandrino, como o mestre francês, pois o verso de 12 sílabas exigia cortes fundos. *Assim procurei um verso mais longo, no qual se acatasse ao máximo o sentido, preservando, embora transposta, a imagem musical* (RAMOS, 1982, p. 10, grifos nossos).

Segundo Junqueira em sua tese de doutorado *Uma biobibliografia literária* de Péricles Eugênio da Silva Ramos (2018), as linhas gerais do projeto tradutório de Péricles Eugênio envolviam certa aceitação de intraduzibilidade do original, que se resolvia em um processo de recriação que estritamente “parte de um trabalho de compreensão do texto a ser traduzido” (2018, p.259). Essa recriação deve se dar na mesma forma do texto de partida: “um texto poético metrificado só pode traduzir-se em verso, para dar uma ideia do que seja o original” (RAMOS, 1982, p.10). Evidencia-se, assim, nas traduções de Péricles, uma procura por ser fiel à letra – isto é, aos termos semanticamente importantes na língua de partida – mas que seria secundária à emulação da métrica e do ritmo.

Podemos ver que nem sempre Ramos foi sistemático ao tratar das relações entre original e tradução, o que se justifica por nunca ter se preocupado em teorizar a respeito. O pouco que sabemos da visão de Ramos acerca da tradução advém das breves notas e prefácios presentes em seus próprios trabalhos, como nota Junqueira (2018, p. 263). Um exemplo está no seu próprio entendimento do termo “recriação”, supracitado, que ora admite como única alternativa do tradutor, ora desconsidera como tradução de fato: ao analisar a tradução de Fernando Pessoa para o poema “Annabel Lee”, de Edgar Allan Poe, Ramos nota que o poeta português se vê forçado a sacrificar termos específicos do poema inglês<sup>51</sup> em função do ritmo (que, todavia, difere do ritmo usado por Poe) e lamenta que “a tradução de Pessoa é antes uma recriação, e brilhante recriação, do que propriamente tradução” (RAMOS apud JUNQUEIRA, 2018, p.267).

Assim, dois pontos parecem estar em jogo no trabalho tradutório de Péricles. O primeiro é a adoção de uma estrutura métrica, posto que a transposição de verso metrificado por verso metrificado lhe era imperiosa. Mesmo quando praticava o verso livre, Ramos o praticava à maneira clássica – prezando a polimetria vinculada a preceitos rítmicos tradicionais – do que o verso liberado de toda a regularidade e limite silábico, praticado amiúde pelos modernistas de 22 (JUNQUEIRA, 2012, p.45). Parece-nos aliás este o primeiro ponto de identificação entre as traduções de Péricles e a poesia que ele e a Geração de 45 praticavam: o apreço ao formalismo, revelado em “cuidados métricos e dicção nobre” (BOSI, 2017, p.497). Em segundo lugar, a determinação da estrutura métrica está condicionada à sua possibilidade de acomodar, na transposição, os traços semânticos das palavras do original sem grandes perdas.

---

<sup>51</sup> O verso em questão, citado por Péricles, “By the name of Annabel Lee”, traduzido por Pessoa como “Aquele que eu soube amar”.

Com o intuito de encontrar um meio-termo que dê conta do ritmo e do sentido, o poeta paulista adota um verso inédito de 14 sílabas para verter as *Bucólicas* de Virgílio:

[...] empenhei-me em pôr em vulgar a IV égloga; mas de modo ainda não feito em nossa língua, pois adotei como padrão o verso de 14 sílabas de andamento binário, com tolerância do ritmo ternário no primeiro hemistíquio. Era um verso longo, como longo era o verso de Virgílio, mas possibilitava traduzi-lo, digamos assim, verso a verso, sem sacrifício essencial ou deveras significativo de palavras (RAMOS, 1982, p.10).

A ênfase na maneira inédita com que traduz Virgílio revela crítica às traduções anteriores que, segundo ele, têm a falha de, ao optar pelo decassílabo, em geral “desdourar exageradamente” Virgílio (1982, p.10). Assim, embora Ramos reconheça que o verso metrificado vernáculo possa impor uma limitação à tradução do sentido (1982, p.10), a sua adoção é apriorística, uma vez que o texto de partida é, também, em versos metrificados.

Desse modo, na tradução das *Bucólicas*, Ramos opta por um verso mais afrouxado, menos conciso, mas que lhe permite uma literalidade semântica<sup>52</sup>. Comparemos, *exempli gratia*, o original latino, os cinco primeiros versos de sua tradução e os seis versos correspondentes da tradução de Odorico Mendes em decassílabos:

---

<sup>52</sup> Francisco Achar (1994, p.81) observa que esta literalidade semântica é buscada por Ramos em outras suas traduções, como a do Poema 5 de Catulo, presente em *Poesia Grega e Latina*.

<p>Texto latino (ed. Mynors, 1969)</p> <p>Tytire, tu patulae recubans sub tegmine fagi,</p> <p>Silvestrem tenui musam meditaris avena;</p> <p>Nos patriae fines et dulcia linquimus arva;</p> <p>Nos patriam fugimos: tu, Tytire, lentus in umbra</p> <p>Formosam resonare doces Amaryllida silvas.</p>	<p>Tradução metafrástica (Brunhara, 2020)</p> <p>Títiro, tu que estás deitado à sombra de uma vasta faia, divisas uma música silvestre na tênue avena; nós deixamos os limites da pátria e os agradáveis campos cultivados; nós fugimos da pátria: tu, Títiro, vagaroso à sombra, ensinas as selvas a ressoar Amarílis formosa.</p>
<p>Mendes (1854)</p> <p>Tu, sob a larga faia reclinado,</p> <p>Silvestre musa em tênue cana entoa:</p> <p>Nós, Títiro, da pátria os fins deixamos</p> <p>E a doce lavra, a pátria nós fugimos;</p> <p>As selvas tu, pausado à sombra, ensinas</p> <p>Amarílis formosa a ressoarem.</p>	<p>Ramos (1982)</p> <p>Ó Títiro, deitado à sombra de uma vasta faia,</p> <p>aplicas-te à silvestre musa com uma fruta leve;</p> <p>nós o solo da pátria e os doces campos nós deixamos;</p> <p>nós a pátria fugimos; tu, na sombra vagaroso,</p> <p>fazes a selva ecoar o nome de Amarílis bela.</p>

Notamos que a tradução de Odorico incorre nos “problemas” apontados por Péricles e reiterados em sua nota introdutória: primeiro, serve-se do decassílabo – que o leva a realizar “cortes fundos” (RAMOS, 1982, p.10) – e, depois, não tem o mesmo número de versos do original latino. Mas ao analisarmos a tradução de Péricles, nem sempre

a literalidade semântica que preserva a “imagem musical” é alcançada. Ele também se vê forçado a diluir ou a suprimir de todo efeitos expressivos devido à metrificacão autoimposta. Ainda que consiga reproduzir a aliteracão do verso 1 (“**Tytire, tu patulae** recubans sub **tegmine fagi**”) fazendo-a escoar para o verso 2 (“Ó **Títiro**, deitado à sombra de uma **vasta** faia,/aplicas-**te** à silvestre musa com uma **fruta** leve”) outros elementos se perdem: é o caso do quiasmo dos versos 1 (“Tytire, Tu...”) e 4 (“Tu, Tytire”), que desaparece; é o caso do verso 5, que redundante em prosaísmo ao dissolver a densidade do texto latino explicando o que lá é apenas sugerido (“fazes a selva ecoar **o nome de Amarílis** bela”). Curiosamente, Odorico Mendes, apesar de aumentar o número de versos, consegue manter a concisão do texto latino neste passo (“As selvas tu, pausado à sombra, ensinas/ Amarílis formosa a ressoarem”).

Outro fator que nos parece constitutivo nas reflexões de Péricles Eugênio sobre traduçãõ – e nesse ponto seguimos o estudo de Junqueira – é que “a traduçãõ parte de um trabalho de compreensãõ do texto” (2018, p.258). Não é afirmacão simplória: Junqueira argumenta que Ramos se aproxima aqui de uma concepçãõ, posteriormente consagrada por Haroldo de Campos em seu artigo “Da traduçãõ como criaçãõ e como crítica”, de que a tarefa do tradutor envolve uma interpretaçãõ que não consiste na busca de um sentido verdadeiro, mas que é, ela mesma, produtora de sentidos (2018, p.259). Nas palavras do poeta:

Traduzir é, antes do mais, compreender; mas ninguém pode garantir que a nossa compreensãõ do texto seja exata ou ainda a única exata. Ainda que o fosse, não se poderia respeitar, escrupulosamente, a sonoridade das palavras, nem as evocações que essas palavras despertam com sua simples sonoridade (RAMOS, apud JUNQUEIRA, 2018, p. 255).

As possibilidades de interpretaçãõ, ainda que múltiplas, reduzem-se, na concepçãõ de Péricles, respectivamente, a uma *decifraçãõ* do

sentido do texto em sua língua original, de sua intenção e de suas qualidades estéticas. É o que ele afirma, em entrevista concedida a Moacir Amâncio ao *Jornal da Tarde* e coligida na tese de Junqueira:

Traduzir poesia já é uma coisa um bocado mais amarrada. Você tem que pegar um texto original e procurar compreender o texto. Em primeiro lugar, você vai compreendê-lo, é uma questão completamente difícil, porque às vezes você pensa que está escrevendo uma coisa e está escrevendo outra. Isso acontece freqüentemente. Então, você tem de entender o que ele quer; depois ver qual é a qualidade e o nível do texto na língua original (RAMOS, *apud* JUNQUEIRA, 2018, p. 259).

Creemos que essa pequena recolha sobre os critérios da tradução poética na obra de Péricles Eugênio da Silva Ramos, embora um pouco difusa e sem pretensão de abrangência, já permitirá divisar novamente o sentido das breves linhas enunciadas na “Apresentação” de *Poesia Grega e Latina: os versos vertidos “em linguagem fiel”* (1964, p.7) podem dizer respeito, também, à adoção do verso metrificado como parâmetro para a tradução de poesia igualmente metrificada, como era a dos gregos e romanos, e remeter à ênfase dada por Péricles à compreensão do texto que releva o eixo semântico dos poemas. Ao argumentar, contudo, que a linguagem será “a mais simples e viva possível” (1964, p.7) a “vivacidade” parece dizer respeito à sua busca por reproduzir “a qualidade e o nível do texto na língua original” (1988, p.8), mas com uma simplicidade que aplaina a própria diversidade de poetas da coletânea, todos pertencentes a um amplo arco cronológico e a gêneros diversos (embora predomine a lírica).

Na orelha do livro, Ramos parece ser mais claro em relação à vividez e simplicidade que almeja em sua obra. Ele vê nos poetas líricos gregos e romanos uma “simplicidade de linguagem” que os opõe à poesia épica e aproxima-os à nossa sensibilidade, em termos de emoção e

beleza, como se pudéssemos enxergar, graças a esse despojamento de linguagem, uma continuidade entre os líricos antigos e a nossa poesia contemporânea. Para comprovar seus argumentos, menciona o testemunho do estudioso C. M. Bowra, na então recente obra *Greek Lyric Poetry*, de 1961:

Se a épica foi o contributo da Antiguidade mais estimado pelos autores do Classicismo europeu, a lírica é o que hoje mais de perto fala à nossa sensibilidade. Em linguagem miraculosamente despojada (segundo C.M.Bowra, Alceu e Safo elevaram a simplicidade da linguagem comum “ao mais alto grau de expressividade”), os líricos da Grécia e de Roma alcançaram fixar momentos de beleza e de emoção que nos tocam tão intensamente quanto se fossem obra de contemporâneos nossos ([Orelha do livro], 1964).

O breve parágrafo nos dá uma concepção tradicional dos gêneros poéticos: oposta à épica por se ocupar de falar à nossa sensibilidade de maneira significativa, a linguagem da lírica, para Péricles Eugênio da Silva Ramos, parece ser entendida como expressiva das afecções e sentimentos de um Eu. Sublinhar o que na tradição antiga da lírica seja eloquente para uma visão contemporânea do gênero foi a “finalidade desta coletânea” (RAMOS, 1964, p. 7), uma vez que, para o autor, a expressão subjetiva é um critério que interliga a lírica do passado e a atual.

A intenção de *Poesia Grega e Latina* é, ao fim, dar uma notícia, em linguagem poética, dos poetas que representam “a grande alma antiga que nutriu por tantos séculos o pensamento ocidental” (RAMOS, 1964, p. 8). Vejamos agora como esta coleção se estrutura e como a tradução transmite os poetas.



## 2. A Poesia Grega e Latina do escritor-tradutor Péricles Eugênio da Silva Ramos

O volume reúne 113 poemas, 92 gregos e 21 latinos. A seleção de poesia grega é bem diversificada, privilegiando o gênero mélico. É interessante notar que, até onde pudemos averiguar, Péricles Eugênio é o primeiro a empregar o termo “mélico” para designar a especificidade do gênero em relação aos demais gêneros também chamados, modernamente, líricos, como o jambo e a elegia. Com isso, *Poesia Grega e Latina* é uma reunião de toda a poesia não-épica e não-dramática grega, excetuando-se o caso de Hesíodo:

*Dos gregos, estão representados os nove grandes mélicos do cânone alexandrino, a saber: Alcã, Alceu, Safo, Estésicoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Píndaro e Baquilides; também dois dos três poetas iâmbicos do cânone, o aventureiro Arquíloco e Semônides de Amorgos, bem como alguns dos mais notáveis elegíacos, como Mimnermo, Sólon, Teógnis. A coleção abre com um poeta didático, Hesíodo, mas com um excerto de Os Trabalhos e os Dias que teve imitação em poeta mélico; e terminará com alguns poetas da Antologia Palatina, precisamente com Paulo, o Silenciário, depois de passar por vários mélicos menores e por Teócrito, o pai da poesia bucólica (RAMOS, 1964, p. 7, grifos nossos).*

O trabalho é pioneiro na escolha dos poetas traduzidos. Todos os poetas da antologia serão lidos pela primeira vez em português, exceto por Safo, Píndaro, Arquíloco, Mimnermo, Hesíodo e Teócrito<sup>53</sup>. O

---

<sup>53</sup> Safo já havia sido traduzida no século XIX, sobretudo por Antônio Ribeiro dos Santos, José Feliciano de Castilho e Antônio José Viale. Uma seleção mais ampla está em *Líricas de Safo*, traduzidas do francês em 1942, por Jamil Almansur Haddad (ver FONTES, 2003, p.149-150); as traduções de Píndaro e Teócrito também remontam ao século XIX, bem como Hesíodo, que contava com uma tradução incompleta de João Félix Pereira, de 1876 (ver MOURA, 2014). Arquíloco e Mimnermo recebem traduções no volume *Elegíacos Gregos* (1941).

caso de Anacreonte, poeta do final do séc. VI a.C., é complexo: apesar de sua grande influência na lírica ocidental, as traduções do século XIX não o traduziram de fato, e sim a *Anacreontea*, imitações presentes em uma coletânea que remonta ao século III a.C. Péricles Eugênio limita-se a traduzir os fragmentos atribuídos ao próprio Anacreonte e, sobre a *Anacreontea*, apenas observa que “por vezes, são mais anacreônicas do que as peças do próprio Anacreonte” (1964, p. 84).

Ramos não ignora o rigor filológico de suas traduções, embora seja parcimonioso ao tratar de suas escolhas, indicando apenas em alguns pontos de onde provém o texto grego do qual se serviu para a tradução. Caso significativo é a tradução do fragmento 2 de Safo (“Eu vos rogo, cretenses”, 1964, p.64), a primeira tradução deste poema em português, há poucos anos descoberto. Talvez pelo caráter de novidade, o poeta registra a história de sua descoberta, desde a sua decifração em 1937 pela filóloga Medea Norsa em um óstraco do século II a.C. até a sua publicação em *Greek Literary Papyri Texts*, de Dennis Page, em 1941, de onde extrai o texto grego que lhe serviu de base.

Quanto aos outros gregos, dá-nos indícios nas notas de que consultou as edições e as traduções editadas pela Loeb Classical Library, feitas por J.M.Edmonds: os três volumes de *Lyra Graeca*, de 1922, reunindo os poetas mélicos, e os dois volumes de poesia elegíaca e jâmbica, *Elegy and Iambus*, de 1931. Para Hesíodo e Arquíloco, cita também os volumes bilíngues da coleção francesa *Belles Lettres*, de autoria, respectivamente, de Paul Mazon (1951) e André Bonnard e François Lassere (1958). O helenista de Oxford Gilbert Murray (1866-1957) figura como a mais importante referência de Ramos para a compreensão e interpretação dos poetas. Sua obra *A History of Ancient Greek Literature* (1901) é amiúde citada nas breves introduções de cada poeta e deve ter sido a principal fonte em sua elaboração. Outros trabalhos mencionados são os de John G. Griffith (“Early Greek Lyric Poetry”, 1954) e os *Prolegomena to the Studies*

in *Greek Religion* de Jane Harrison (1922), de onde se serviu do capítulo de Murray ali presente para traduzir as Lâminas Órficas (1964, p. 149-150).

Péricles Eugênio demonstra um conhecimento metucioso da metrificação greco-latina, como mostra Oliva Neto (2015, p.154) ao analisar a tradução do dístico elegíaco do poema II, 27 de Propércio (“Da Morte e do Amante”, 1964, p.199), que logra recriar efeitos do verso original servindo-se de metros da tradição vernácula. Em resumo, Ramos “traduz” o hexâmetro datílico latino por um alexandrino perfeito e o “pentâmetro” datílico por um decassílabo heroico para reproduzir a *katalexis* do dístico original, isto é, o encurtamento das sílabas finais do pentâmetro em relação ao hexâmetro<sup>54</sup>.

Segundo Oliva Neto (2015, p.152), ainda, esta é “a única vez que Péricles Eugênio adotou esse modelo para traduzir o dístico elegíaco antigo”. De fato, os recursos empregados por Péricles para traduzir os poetas gregos são variados e em grande medida não têm a preocupação de recriar o ritmo do original, tampouco de manter o mesmo número de versos. Outro recurso adotado é dar títulos aos poemas, que muitas vezes cumprem uma função explicativa. Citemos o exemplo do fragmento 1 de Mimnermo, que Ramos intitulou “Sem a Afrodite de Ouro”:

Sem a Afrodite de ouro,  
que vida existe, ou que doçura?  
Melhor morrer, quando eu não mais tiver  
os amores secretos e os presentes  
de puro mel e o leito:  
porque da juventude breve são as flores,  
para homens e mulheres.  
Quando chega a velhice dolorosa  
que os belos homens torna repulsivos,  
cruéis preocupações desolam a alma:

---

<sup>54</sup> Este método, aliás, é esmiuçado no artigo por ser um critério recorrente de Oliva Neto e seus discípulos, que o consagraram como opção para traduzir o dístico elegíaco.

o homem não mais se alegra olhando a luz do sol  
mas é odioso aos jovens  
e objeto de desprezo das mulheres:  
de tantos males deus cobre a velhice  
(RAMOS, 1964, p. 31).

Em comparação com o original grego e uma tradução própria:

(Grego, ed. Edmonds, 1931 <sup>55</sup> )	(Trad. Brunhara, 2020)
<p>τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπνὸν ἄτερ  χρυσῆς Ἀφροδίτης;</p> <p>τεθναίην, ὅτε μοι μηκέτι ταῦτα  μέλοι,</p> <p>κρυπταδίη φιλότης καὶ μείλιχα  δῶρα καὶ εὐνή,</p> <p>οἷ ἥβης ἄνθεα γίγνεται ἀρπαλέα  ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν· ἐπεὶ δ'  ὀδυνηρὸν ἐπέλθῃ</p> <p>γῆρας, ὃ τ' αἰσχρὸν ὁμῶς καὶ κακὸν  ἄνδρα τιθεῖ,</p> <p>αἰεὶ μιν φρένας ἀμφὶ κακαὶ τείρουσι  μέριμναι,</p> <p>οὐδ' αὐγὰς προσορῶν τέρπεται  ἠελίου,</p> <p>ἀλλ' ἐχθρὸς μὲν παισίν, ἀτίμαστος  δὲ γυναιξίν·</p> <p>οὕτως ἀργαλέον γῆρας ἔθηκε θεός.</p>	<p>Que vida, que prazer, sem Afrodite  de ouro?</p> <p>Esteja eu morto, quando não mais  me importarem</p> <p>um afeto secreto, presentes doces,  a cama,</p> <p>que são da juventude as flores se-  dutoras</p> <p>p'ra homens e mulheres. Mas  quando dolorosa</p> <p>vem a velhice — que faz feio até o  belo homem —</p> <p>sempre maus pensamentos aper-  tam seu peito,</p> <p>ver a luz do sol não lhe dá mais  prazer</p> <p>mas meninos o detestam, mulheres  o desprezam:</p> <p>assim difícil o Deus fez a velhice!</p>

<sup>55</sup> Para fins desta tradução, adotamos aquela que cremos ser a mesma edição do texto grego usada por Ramos.

O metro empregado no texto original deste poema é também um dístico elegíaco, como no poema de Propércio, porém Ramos adota um critério diferente. Notamos, da comparação com o texto grego, que o número de versos do original aumenta de dez para catorze, e o poeta adota versos polimétricos, que variam de 6 a 12 sílabas em um andamento predominantemente binário. Oliva Neto lamenta o silêncio do tradutor quanto à sua prática e se questiona porque Ramos não fez como no poema de Propércio “para verter outros poemas gregos e latinos escritos em metro idêntico” (2015, p. 152). Temos uma hipótese: assim como em outras de suas traduções poéticas, Ramos buscou em *Poesia Grega e Latina* primeiramente metros que evitassem “o sacrifício essencial ou deveras significativo de palavras” (RAMOS, 1982, p. 10) sem necessariamente a intenção de reconstruir com exatidão a estrutura rítmica do texto grego, mas ainda mantendo-se fiel ao seu critério de sempre traduzir textos poéticos metrificados por verso.

Os versos usados em *Poesia Grega e Latina* se assemelham aos versos livres autorais de Péricles Eugênio, muitos deles marcados pela alternância de 8 a 20 sílabas em ritmo binário, segundo um critério de metrificação silábico-acental que admite sílabas semifortes para realçar tal andamento<sup>56</sup>. O próprio poeta, em sua introdução à *Poesia Quase Completa*, explicita o seu método, também usado em suas traduções dos gregos:

Já no 1º poema de *Lamentação floral*, de resto, como em muitos outros desse livro, eu havia sistematizado o meu próprio verso livre, fazendo-o flutuar de oito a vinte sílabas, num ritmo sustentadamente binário. Desconheço precedentes da sistemática de *Lamentação floral* e *Sol sem tempo*, bem como do andamento, também binário, dos dois poemas em prosa de *Lua de ontem*. Mostra isso que o autor não procurava repe-

---

<sup>55</sup> Para fins desta tradução, adotamos aquela que cremos ser a mesma edição do texto grego usada por Ramos.

tir ninguém, mas pelo contrário moldar seu próprio verso livre em bases rítmicas binárias...” (RAMOS, *apud* JUNQUEIRA, 2018, p. 35).

Mostre-se de exemplo os primeiros versos do poema “Natureza Morta 2”, de *Poesia quase completa* (1972), nos quais, de modo similar à sua tradução de Mimnermo, prevalece a polimetria, com versos de 5 a 10 sílabas, em ritmo binário:

É a mesma sala,  
sombria de terrores e suspeitas,  
coberta pela noite;  
os móveis conhecidos,  
o armário, a mesa, as cadeiras,  
vidros e louças;  
nave quadrada, barca de sombras  
que se desfarão nem bem se fira  
o interruptor.

O que podemos observar, assim, é que *Poesia Grega e Latina*, publicado já em momento maduro da carreira poética de Péricles Eugênio da Silva Ramos – 4 anos depois de *Lua de Ontem*, uma de suas últimas obras autorais (*Noite da Memória*, último livro, viria à luz apenas em 1988) – é não só divulgação da poesia lírica dos gregos, em grande parte inédita no Brasil, mas também a adequação dessa lírica à nossa sensibilidade e, como se vê, a uma poética pessoal, revelada na grande perícia técnica de um poeta consolidado que se põe, com louvores, a serviço de transmitir a “grande alma antiga” do mundo grego.

---

<sup>56</sup> Ver Junqueira, 2018, p. 34-56.

## Referências

BONNARD, André; LASSERRE, François. *Archiloche: les fragments*. Paris: Les Belle Lettres, 1958.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOWRA, Cecil Maurice. *Greek lyric poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1961.

BRUNHARA, Rafael. A tradução da lírica grega arcaica no Brasil. In. BROSE, R. (Org.). *Pervivência clássica*. Belo Horizonte: Moinhos, 2018, 71-84.

CAMPOS, Haroldo de. O Prometeu dos barões. In. VIEIRA, Trajano (Org.). *Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ajax*. São Paulo: Perspectiva, 1997, 231-253.

CHANOCA, Tatiana Alvarenga. *O texto pelo avesso: a gênese das traduções em português da Ilíada*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Dissertação de Mestrado.

DUARTE, Adriane da Silva. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. In. *Translatio*, 12, 43-62, 2016. Disponível em < <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/69211/39854>>, acessado em 05.06.2020.

DUARTE, Adriane da Silva. Em bom português: a tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil (conferência na XVI Jornada de Estudos da Antiguidade). Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2016b. Disponível em < <https://usp-br.academia.edu/AdrianeDuarte> >, acessado em 06.06.2020.

EDMONDS, John Maxwell. *Lyra Graeca*. Cambridge: Harvard University Press. 1922. 3 vols.

\_\_\_\_\_. *Elegy and Iambus*. Cambridge: Harvard University Press, 1931. 2 vols.

FALCO, Vittorio De; FARIA, Aluísio Coimbra de. *Os elegíacos gregos, de Calino a Crates*. Vol.1. São Paulo: Sociedade Impressora Brasileira De Brusco & Cia. 1941.

FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, tecelão de mitos*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

GRIFFITH, John. Early Greek Lyric. In. PLATNAUER, Maurice (Org.). *Fifty years (and twelve) of classical scholarship*. Oxford: Blackwell, 1968 [1ª ed. 1954]. p. 50-82.

HARRISON, Jane. *Prolegomena to the study of greek religion*. Princeton: Princeton University Press, 1922.

JUNQUEIRA, João Francisco Pereira Nunes. *Uma biobibliografia literária de Péricles Eugênio da Silva Ramos*. Araraquara: Universidade do Estado de São Paulo, 2018. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. *Uma revisão da poesia de Péricles Eugênio da Silva Ramos: o ritmo como fator constitutivo*. Araraquara: Universidade do Estado de São Paulo, 2012. Dissertação de mestrado.

KURY, Mário da Gama (trad.). *Ésquilo. Agamêmnon*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. (trad.). *Sófocles. Electra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MENDES, Odorico. *Virgílio. Bucólicas*. Edição anotada e comentada pelo grupo de trabalho Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MOURA, Alessandro Rolim. As Obras e os Dias, por João Felix Pereira. In. *Nuntius Antiquus*, vol.10, n.2, 2014, p. 5-32. Disponível em <[https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/17173](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17173)>. Acessado em 19.06.2020.

MAZON, Paul. *Hesiodo. Theogonie, Les travaux et les jours, Le Bouclier*. Paris: Belles Lettres. 1951.



MURRAY, Gilbert. *A history of ancient Greek literature*. New York: D.Apple-  
ton and Company, 1901.

MYNORS, Roger Aubrey Baskerville. *P.Vergili Maronis: opera*. Oxford:  
Oxford University Press, 1969.

OLIVA NETO, João Angelo. 11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos  
com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. In.  
*Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, 2015, p. 151-184.

PAGE, Dennis. *Greek Literary Papyri. Texts, translations and notes*. Cambrid-  
ge: Harvard University Press, 1942.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia Grega e Latina*. São Paulo: Cul-  
trix, 1964.

\_\_\_\_\_. *Virgílio. Bucólicas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia quase completa*. Rio de Janeiro:  
Livraria José Olympio Editora, 1972.

SOUZA, João Baptista de Mello (org.). *Teatro Grego*. São Paulo: Clássicos  
Jackson, 1950.